

Reposição de equipamentos destruídos em ataques
criam bolha de consumo nos EUA **Página B5**

Perspectiva de boa safra no Brasil derruba
cotação do café em Nova York **Página B10**

Valor econômico

PMDB e governo impõem Tebet, mas insensatez domina Senado

Ricardo Amaral
De Brasília

Ao invés de encerrar a mais desastrosa operação política de sua história, o Senado parece ter aberto ontem novo capítulo de um conflito que já dura 17 meses, depois eleger por 41 votos (31 em branco e três nulos) seu novo presidente, o ex-ministro Ramez Tebet (PMDB-MS). Inconformado com a indicação do senador ligado à cúpula do PMDB, o PFL negou votos a Tebet, descumprindo acordo que tinha o presidente Fernando Henrique Cardoso como fiador. O Planalto mostrou que manda no Senado, mas, numa demonstração da crise que tomou conta da base do governo neste início de sucessão presidencial, a bancada do PFL deixou o plenário durante o discurso de posse de Tebet, descortesia que não havia feito nem com Jader Barbalho (PMDB-PA).

O protesto surpreendente foi comandado pelo líder Hugo Napoleão (PFL-PI) e pelo presidente Jorge Bornhausen (PFL-SC), respectivamente um diplomata de carreira e um refinado cavalheiro. "Foi uma falta de educação e uma prova de que a base do governo não se entende", disse o líder do PT, José Eduardo Dutra (SE), que também negou voto ao candidato oficial. O gesto do PFL foi a última demonstração de que os senadores, do governo e da oposição, perderam a capacidade de conviver com dignidade, uma das tradições da Casa.

PMDB e PFL acusam-se mutuamente pelas provocações. "A es-

colha de Tebet vai prolongar a crise porque é uma bofetada no PFL e nos seus líderes", disse José Agripino (RN), referindo-se ao fato de que Tebet presidiu o processo no Conselho de Ética que levou à renúncia do ex-senador Antonio Carlos Magalhães. "A crise só acaba quando o senador Jorge Bornhausen assumir de fato a presidência do PFL, hoje comandado pelo ex-senador baiano e por seu ódio irracional", devolveu o líder do PMDB na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA).

A desinteligência, que tem raízes na disputa pessoal e política entre Antonio Carlos e Jader Barbalho iniciada em abril do ano passado, contaminou todas as bancadas, inclusive a oposição. O PSDB dividiu-se em facções identificadas com as candidaturas presidenciais do ministro José Serra e do governador Tasso Jereissati. Militante de Tasso, o senador Luiz Pontes (CE) partiu para cima do colega Sergio Machado (CE), que apóia Serra, em frustrada reunião da bancada tucana anteontem para eleger novo líder. Ambos têm forte divergência regional, mas a disputa pela liderança também os divide: o

candidato de Tasso é Geraldo Mello (RN) e o de José Serra é Romero Jucá (RR).

Na mesma noite em que os tucanos brigavam, o senador José Sarney (PMDB-AP), que nunca brigou com ninguém, desabafou sua queixas contra o Palácio do Planalto e a cúpula de seu partido na reunião em que a bancada do PMDB indicava Ramez Tebet. O ex-presidente recusou-se a participar da votação e levou consigo o aliado João Alberto (MA). Gilvam Borges (AP), outro sarneyzista da bancada, anulou o voto em protesto contra o comando do partido. FHC não queria Sarney presidindo o Senado e Sarney entendeu ter sido vetado porque sua filha, a governadora Roseana, pode disputar a sucessão presidencial. Sarney ligou ontem para Fernando Henrique, para "desfazer intrigas". Ambos fingiram mútua compreensão.

As oposições, que têm parte da bancada ainda fiel ao ex-senador Antonio Carlos, não conseguiram impor a decisão de negar votos a Tebet. Entre quatro e seis dos 16 votos foram para o candidato oficial. A divergência tornou-se pública porque Roberto

Freire (PPS-PE) anunciou o voto em Tebet e criticou a decisão do bloco, tomada em reunião da qual não havia participado. "Não vou misturar meu voto", disse Freire, para não reforçar a estratégia do PFL de esvaziar a eleição de Tebet. "Freire comporta-se como Antonio Carlos: reunião sem ele não vale", reagiu José Dutra.

Também no PFL faltou unanimidade na estratégia. "Não dá mais para ficarmos vetando e brigando, eu quero exercer meu mandato", disse Eduardo Siqueira Campos (TO), um dos prováveis eleitores de Tebet em seu partido. Houve defecções no PMDB, que partiram do grupo de Sarney, de senadores ligados ao governador Itamar Franco e de prováveis descontentes que apoiaram José Fogaça (RS) na reunião da bancada.

A insensatez é tamanha que, provavelmente pela primeira vez na história do PMDB, um senador candidatou-se à indicação para a presidência e teve apenas o próprio voto. Foi o mineiro José Alencar, que se declarou "envai-decido pelo voto recebido". Num improviso patético, Ramez Tebet disse ontem que recebia os votos em branco como "uma mensagem de paz e harmonia, pois é disso que o Senado precisa".

É sobre essa confusão que o governo reina há 17 meses, período em que foram aprovadas duas emendas constitucionais e 1.117 matérias. Uma quadra em que o único gesto de sensatez, embora tardio e inútil, parece ter sido a renúncia de Jader Barbalho à presidência do Senado.

Maioria mais folgada

Tebet é eleito por 54,6% dos votos; Jader havia obtido 50,5%

14 de fevereiro	Nº de votos	20 de setembro	Nº de votos
Jader Barbalho	41	Ramez Tebet	41
Arlindo Porto	28	Branços	31
Jefferson Péres	12	Nulos	3
Total	81	Total	75

Fonte: Senado Federal